

A EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL-AGRICOLA



ANTONIO AUGUSTO D'AGUIAR

JOÃO CHRYSOSTOMO MELICIO

EIVINO DE BRITO

JOSÉ GREGÓRIO DA ROSA ARAUJO

RUY AEL BORRILLO PINHEIRO

A' exposição industrial-agricola, esse esplendido documento vivo do nosso progresso, da nossa actividade e da nossa producção, ligam-se indelevelmente, além de outros benemeritos, os nomes de quatro portuguezes distinctissimos:

Antonio Augusto d'Aguiar, o espirito illustrado, o caracter nobilissimo cuja perda todos deploramos e que foi o mais intrepido propugnador do nosso desenvolvimento industrial.

Eivino de Brito, o apostolo devotado da nossa agricultura.

João Chrysostomo Melicio, um trabalhador eminente do commercio, um operario illustrado da industria.

Rosa Araujo, o typo mais popular e mais sympatico de Lisboa, aquelle a quem a cidade deve, entre outros melhoramentos importantissimos, essa deliciosa Avenida em cujo topo se levantam hoje triumphantes os pavilhões da exposição industrial.

Por ahí...



Esta semana a attenção publica incidiu toda sobre a kermesse da Junqueira.

As mulas dos americanos, dos Riperts, dos Salazares, não tiveram mãos a medir no afanoso e benemerito empenho de transportar freguezes aquella festa de caridade.

Nós reputamos o procedimento das mulas bem mais benemerito de que o

das pessoas que foram a kermesse. Porque essas pessoas foram todas na esperança de apanharem algum premio nas sortes do bazar, ao passo que as mulas não podiam ter esperanças de apanhar senão uma data de calor em cima do lombo e uma data de chicote na mesma data.

Por isso nos impressiona menos a caridade dos humanos de que o altruismo das cavalgadas.



D'entre todos os atractivos que a imaginação humana tem inventado para entretenimento de si propria, é a sorte aquella que entre nós mais foros conquistou a publica sympathia.

Antonio Ignacio da Fonseca não é um simples cambista afortunado: é uma verdadeira necessidade nacional. Se elle amanhã retirar á vida privada, dois terços pelo menos da população do reino morrem para ahí esticados á falta do sol vivificante que lhes alimenta a alma e se chama a sorte grande.

As sortes estão para o nosso espirito como o pão abiscoitado está para a nossa barriga.

Antonio Ignacio da Fonseca é, pois, o nosso padeiro espiritual.



A preocupação da sorte acompanha-nos desde o berço até o tumulo.

Nascemos, e a comadre que nos aparou diz logo carinhosamente:—Ora Deus lhe dê sorte, coitadinho!

Se cahimos na rua, rasgando apenas a farpella d'alto abaixo, apparece logo quem commente:—Ainda teve a sorte de não quebrar uma perna...

Ha poucas coisas que nos enthusiasmem tanto como uma sorte de gziola.

D'um sujeito tão feliz que até os cães lhe ponham ovos, diz-se geralmente:—Tem muita sorte aquelle diabo!

Para entrar nas fileiras do exercito vae-se primeiro tirar a sorte.

O pagamento do juro das inscripções é tambem tirado á sorte.

Os emprestimos do thesoiro cobrem-se rapidamente pelo novo processo das sortes.

A maior aspiração d'uma donzella é arranjar consorte. (Mend. e Costa, L. v. cap. xxiv.)



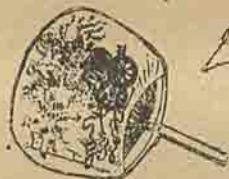
Assim, não admira absolutamente nada que Lisboa em peso fosse jardinar para o jardim do sr. conde de

Burnay, logo que se tratava de exercer o generoso sentimento da caridade—com itinerario por um bazar de sortes.

E, depois de gastar até os ultimos cinco réis em sortes e de lhe ter saído em premio uma ventarola do Japão—o melhor e mais util dos premios para uma tarde de calor—o indigena subia pachorrontamente até o alto do formoso parque, trepava lá acima ao mirante chinês, e punha-se d'alli a contemplar todo o esplendor da formosa vivenda, o poetico lago, as ruas caprichosamente bordadas, a estufa sumptuosa, a deliciosa cascata, a opulenta palmeira, o palacio principesco, em summa, todo aquelle conjuncto magestoso de bom gosto e de magnificencia, de arte e de dinheiro, de finura e de... *finura*... E, sempre com a preocupação nas sortes, em que gastára todo o seu dinheiro, o indigena murmurava, referindo-se ao dono da casa:

—Este homem sempre tem tido muita sorte!...

E saia cabisbaixo, a lastimar-se penosamente de não ter muito dinheiro para comprar muita sorte—ou de não ter antes muita sorte para adquirir muito dinheiro...



Politica em bolandas



Dizem os jornaes governamentais que houve mais uma scisão no partido regenerador e accrescentam que a fracção dissidente constituirá um partido denominado da *Velha guarda*.

D'esta *Velha guarda* será o sr. corvo a *velha mestra*, como diria um portuense com costella de Mendonça e Costa.

Consta-nos por informações particulares que o partido da citada *Velha* já recebeu muitas adhesões importantissimas e, entre ellas, a do poeta Forte Gato.

N'este caso o partido da *Velha* será um partido que, apenas iniciado, já conta uma historia antiquissima: a historia da *velha* que tinha um *gato*...

Correram boatos de que o sr. José Luciano se passara tambem para a *Velha guarda*, por ser a *guarda* que está mais de accordo com o seu officio de *sentinella vigilante*.

Dizia-se egualmente que o sr. marquez de Vallada tambem entrára para a *guarda*. Mas soube-se mais tarde que acontecera precisamente o contrario—e até por frequentes vezes...



A classificação de Bonaparte dada ao joven e talentoso deputado Arroyo começa a provocar ciumes em todos os deputados jovens e talentosos.

Quando elle passa por essas ruas, com o aspecto de um perfeito Bonaparte e com as pequenas modificações de levar, em vez do oculo das campanhas o bino-culo dos theatros, em vez do chapéu de dois bicos, de

Waterloo, um chapéu de doze varetas, do Albino Baptista, e em vez da *toilette* de general a *toilette* d'um simples aspirante... a ministro da fazenda; quando elle passa por essas ruas—o joven e talentoso deputado—todos os seus collegas na camara, no talento e na juventude se mordem de inveja.

—Todos!—até o sr. Oliveira Mattos.



—E no fim de contas porque carga d'agua é que ao sr. João Marcelino foi conferido o diploma de Bonaparte honorario do partido regenerador?

—Porque o citado sr. João Marcelino declarou sair do seio do citado partido e só voltou ao seio depois de muito apapricado.

Por uma coisa tão simples ser logo promovido ao posto de Bonaparte—embora talentoso e joven deputado—João Marcelino, eis o que faz morder de inveja todos os collegas—sem exclusão dos desdentados.

Ora o sr. Carlos Lobo d'Avila, que é joven, que é talentoso, que é deputado e que tem dentes, foi dos que mais profundamente se mordeu.

Com a brecal Elle tambem é mancinho, como o sr. João Arroyo mais o seu antecessor de Austrelitez.

Elle tem o olhar scintillante e a voz de canna rachada indispensaveis ao commando geral (sem ser o da armação). Elle tem a fórma, elle tem a linha, elle tem o corte, elle tem o seu aio aio, o seu zaracotaio, o seu azeite de Santarem que é pouco mas sabe bem.

Para entrar, pois, no gremio dos Bonapartes, faltava lhe apenas sair, sair d'alguma coisa, como fez o Camara e como fez o Arroyo.

E, á falta de melhor saída, saiu da redacção das *Novidades*.

Saiu; e agora é de crer

—Visto o seu tom grave e serio—

Não torne a entrar (a não ser

P'la porta d'um ministerio...)



Levantou-se ha dias na camara a questão dos tumultos de Campo Maior, tumultos em que a nossa tropa se portou d'um modo brilhante, a fazer inveja á pretalhada de Dahomey.

O sr. presidente do conselho respondeu o que já se sabe: que não sabia nada. O sr. ministro da guerra declarou que, «se o sr. presidente do conselho mandar levantar auto administrativo, para averiguar da responsabilidade que nos factos podessem ter as suas autoridades, elle mandará tambem proceder ás investigações necessarias para apreciar o proceder dos soldados.»

A Maria vae com as outras. A Maria é o sr. ministro da guerra—apezar da cara o não ajudar muito.

Se o sr. José Luciano levantar auto, elle levanta tambem; se o outro não levantar, tambem elle não levanta coisa nenhuma.

Navega nas mesmas aguas.. Vae a reboque, puxado á espia, como se o sr. ministro da guerra fosse uma fragata do Vieitas Costa e o sr. presidente do conselho um rebocador do Burnay.

Se o outro não tiver vontade de fazer nada, elle tambem não tem; se o outro sentir vontade, sente-a elle immediatamente!

Se esta communidade de sentimentos se estender a todos os actos de ss. ex.ª, podem ambos fazer economias até na agua de Loeches. Basta uma garrafa para os dois...

E' como no caso do cigarro que um sujeito propoz a outro fumarem de sociedade

—De sociedade, como?

—Muito simplesmente: eu fumo e tu... cospes.

Assim tambem, o sr. José Luciano tomará a agua de Loeches e o sr. visconde de S. Januarario... fará o resto...



Duas palavrinhas

Ultimamente, dois ou tres patetas—que não chegam a ser das luminarias, porque Deus Nosso Senhor lhes não achou dignas nem de azeite de purgueira as lamparinas do bestunto;—dois ou tres patetas tem pretendido fazer reclame aos papeluchos que rabiscam, importunando com umas ferroadasitas mais ou menos sujas o director dos *Pontos nos II*—que não tem tempo para se coçar.

A negligencia da policia em vigiar que se não sacudam porcaria para o meio da rua, dá estes resultados. Ninguem está isento de que lhe caia em cima um bicharôco de muitas pernas e que se lhe vá alojar no corpo, fazendo quartel general dos sitios mais retirados...

Ora os citados bicharôcos não incommodam o director d'esta folha, já porque se inutilizam com dez réis de cal branca e mercurio, já porque, como dizemos n'outro ponto, «vozes de burro não chegam ao céu.»

Não chegam ao ceu mas sempre são ouvidas na vizinhança e ha muito quem, depois de ler as criticas de Esopo e as fabulas de Lafontaine, ficasse acreditando que os animaes fallavam...



Isto posto, vamos dizer ao publico duas palavrinhas sobre o famoso caso da dotação de 4.500.000 réis, feita pelo governo á fabrica de faianças das Caldas da Rainha.

Primeiramente expliquemos, para os raros que o não saibam, que a citada fabrica de faianças não é propriedade do director d'esta folha: é propriedade d'uma empresa, composta—como todas as empresas—de centenas de accionistas, de todas as cores sociaes, desde o opulento capitalista Mendes Monteiro até o modesto Bernardino, criado do café Tavares; de todos os padrões politicos, desde o legitimista Fernando Pedroso até o republicano Magalhães Lima, os quaes—todos quatro accionistas da citada empresa—se cá fóra professam doutrinas diametralmente opostas, lá dentro commungam de sociedade no credo da loiça vidrada.

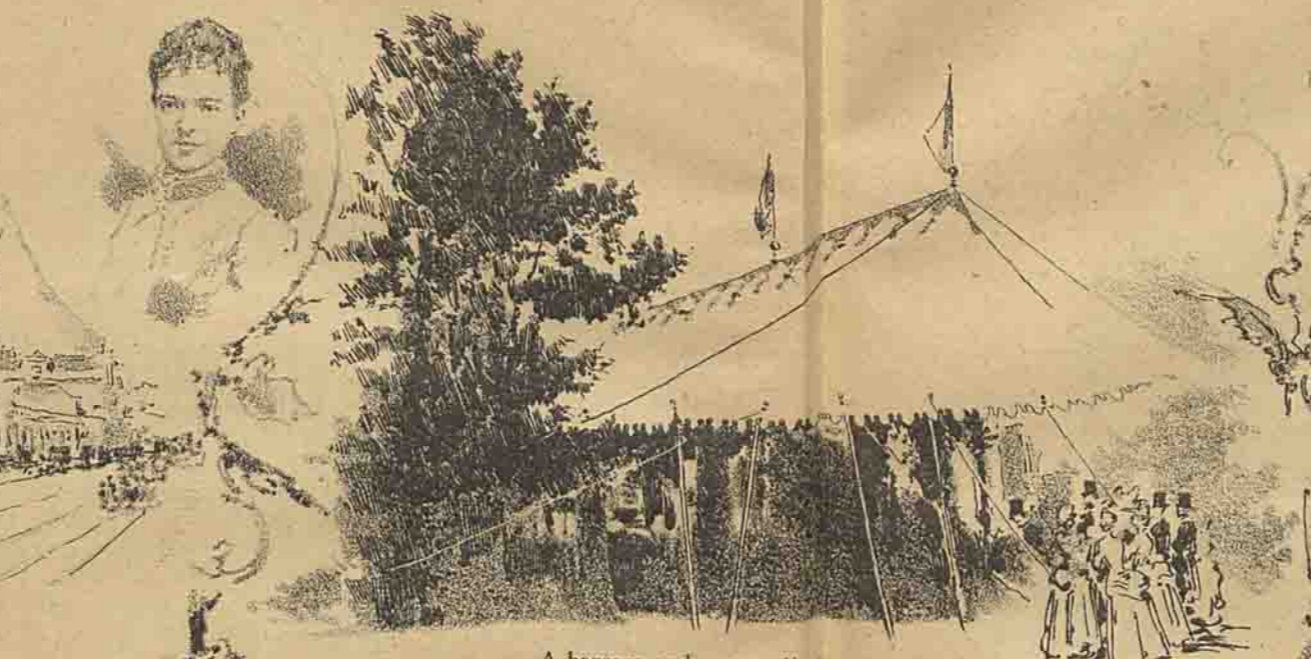
O director d'esta folha foi o iniciador d'aquella empresa, tem sido o promotor do seu desenvolvimento material e artistico e hade ser sempre um dos seus mais dedicados trabalhadores.

Como tal, auferre os proventos que os srs. accionistas—que são os donos da casa—resolveram arbitrar-lhe como remuneração do seu trabalho e da sua iniciativa; e não recebe, nem pôde receber, mais coisa alguma, nem colhe do desenvolvimento d'essa empresa outro inte-

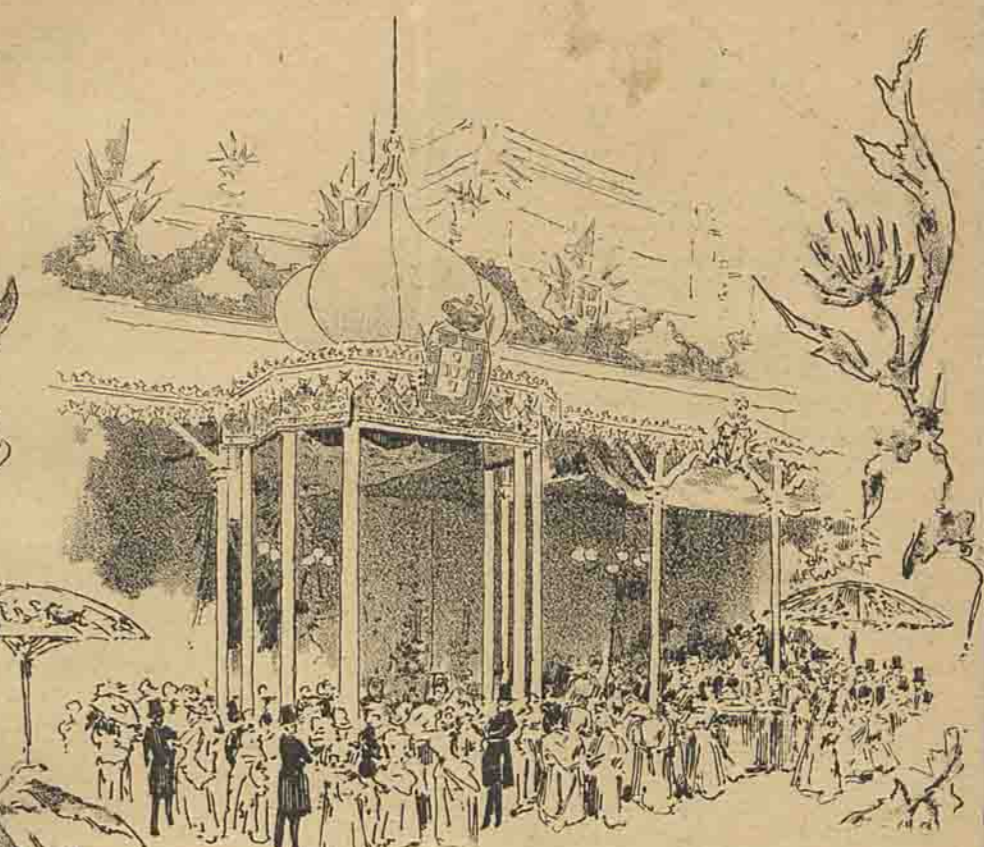
A KERMESSE



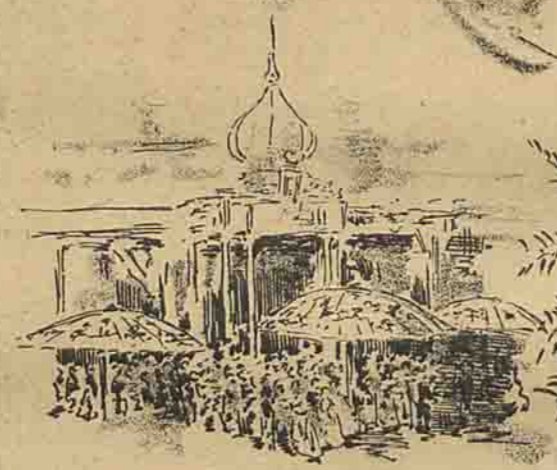
Fachada do palacio Burnay na rua da Junqueira.



A barraca onde se vendiam as sortes.



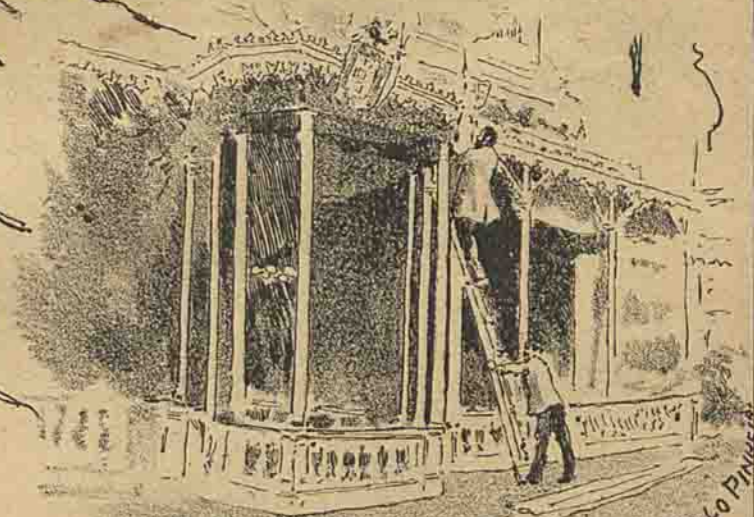
Aspecto do pavilhão destinado á venda de flores feita pela princeza D. Amelia no segundo dia da kermesse.



O restaurant—venda do Rego-cup.



Croquis dos jardins e palacio Burnay tirado do interior da gruta ao cimo do parque.



O sr. conde de Burnay apanhado em flagrante, pregando preguiños e dispondo colgaduras.

Commemorando essa festa de caridade—tão formosa no aspecto como sympatica no fundo—damos alguns croquis dos pontos que nos pareceram mais notaveis.

resse que não seja o interesse material—que hade tocar a todos os accionistas—e o interesse moral de quem vê engrandecer-se um filho estremecido por quem bebe os ares.



Posto mais isto, expliquemos ainda como o governo fez á fabrica de faianças a dotação de 4.500.000 réis.

E' sabido que o governo resolveu estabelecer no paiz uma rede de escolas industriaes, de cunho puramente nacional e de futuro accentuadamente promettedor.

N'esse numero entrou a industria ceramica, que em tempo velho constituiu uma das glorias do trabalho nacional e que, limitada mais tarde a uma produção mesquinha, vólta recentemente a occupar o logar de honra no gremio das industrias, abalançando-se a competir com os melhores productos estrangeiros.

O governo resolveu pois instituir uma escola industrial para aprendizagem da ceramica e onde fossem educados annualmente até 150 operarios.

Para a realisação da sua ideia, o que havia de fazer o governo?

Montar por sua conta uma fabrica em largas condições de desenvolvimento, montagem que lhe custaria algumas centenas de contos de réis e cuja manutenção lhe importaria em algumas dezenas da mesma moeda?

Isso parecer-se-hia com o caso d'um sujeito que para educar os filhos fundasse e mantivesse uma grande universidade, em vez de os mandar directamente para Coimbra...

O governo determinou portanto confiar a educação dos 150 operarios a uma fabrica já estabelecida e cuja importancia material e precedentes artisticos garantissem o cumprimento do fim para que a utilisava.

E que fabrica havia o governo de escolher para esse effeito? Alguma cujos productos ceramicos se limitassem a trinta gerações de paliteiros, todos com o mesmo feitiço e todos com o mesmo numero de buracos?

O governo meditou naturalmente sobre o caso e resolveu por fim deixar os paliteiros para segunda leitura e lançar mão dos serviços que lhe offerecia uma fabrica cujas primicias artisticas foram saudadas pelo

aplauso da grande maioria.

E aqui está como o governo commetteu o encargo da escola industrial á fabrica de faianças das Caldas da Rainha, encargo que, se traz á fabrica um subsidio annual de 4.500.000 réis, tambem lhe acarreta dia a dia os dispendios e as responsabilidades inherentes a quem educa 150 operarios, o que leva tempo, occupa mestres e vae consumindo material.



Vêm portanto, os bicharôcos de má morte que andam a fazer coegas pelas nadegas e respectivas visinhanças do director dos *Pontos nos II*, que o tal celebrado subsidio dos 4 contos e quinhentos não passa d'um contracto de interesses bi-lateraes, entre um governo e uma empresa— composta de muitas centenas de accionistas, de todas as cores politicas, como já tivemos a pachorra evangelica de lhes ensinar.

Se os citados bicharocos ainda d'esta feita ficarem aferrados ás suas ideias com a pertinacia toimosa com que costumam aferrar-se ao corpo d'uma pessoa; se continuarem a imaginar—ou a fingir que imaginam— que a empresa das faianças ganha mundos e fundos com o dinheirão dos quatro contos e quinhentos, venham participar d'esses ganhos, puxando os cordões á bolsa e fazendo-se accionistas da empresa.

O mais que poderá acontecer aos accionistas actuaes, com a aproximação d'esses novos consocios, é verem-se obrigados a trazer sempre na algibeira uma caixinha de unguento de soldado...



Pan-Tarantula

CANÇONETAS E MONOLOGOS

DE

Pan-Tarantula

3.ª edição.—Veja-se o annuncio na capa

Tudo!...

Aventuras d'um caixeiro, no 1.º domingo de folga



Já de vesp'ra, inda ao balcão,
Entre as peças de velludo,
Pensava Alonso Tristão
Na frescata, em tudo... tudo!



No outro dia, cil-o: parece
Ricaço pantafaçudo...
Vae de carro p'ra a kermesse
Comprar sortes... tudo... tudo!



Gasta mais de tres mil réis
—Que a jogar é cabeçudo—
Junta um monte de papeis,
Sae-lhe branco tudo... tudo!



Apoz tristes desencanos
Ir p'ra casa quer, trombudo;
Mas, enquanto a americanos,
lá cheio tudo... tudo!



Quer entrar seja onde for,
Ou por bem, ou façanhudo:
Mas impede-o o conductor,
Passageiros, tudo... tudo!



Teima sempre; e, p'lo diacho,
Ferra um tomo — e foi taludo! —
Fere as costas, mais abaixo,
Pés, cabeça, tudo... tudo!



Depois d'aquella pilota,
Parece um ginja de entrudo:
Tem rasgado o fato, a bota,
Chapeu, calça, tudo... tudo!



No outro dia, até se espoja
Sobre as peças de velludo...
—Elle, que d'antes, na loja
Era tudo... tudo... tudo!...

Manoel de Barros

NO CEU...



O porteiro : — Escutac, Senhor! Pareceu-me ouvir ao longe a voz do *Charivari*, pedindo a Deus que o mate e ao diabo que o leve — que é o supremo recurso dos tolos...

O dono da casa : — Isso é engano, amigo Pedro. Não sabes que vozes de *Charivari* não chegam ao ceu?...

Aqui vae mais esta estampa, para o *Charivari* — Rippert da arte, que não anda senão nas calhas dos outros; — para o *Charivari* nol-a palmar, como nos palmou o formato, o aspecto, a disposição geral, e como nos tem palmado as ideias, as formulas e as caricaturas — sem que nós ainda apitassemos, como costumam fazer os *americanos* aos *piratas* dos Ripperts...

E agora vá para a margem, n'uma tenaz, e pôde grunhir á sua vontade que não lhe damos nem mais uma bolota de reclame.



RAPHAEL BORDILLO PINHEIRO